

# Empresários americanos avaliam nossas possibilidades e nossos riscos

Uma pesquisa entre os principais executivos financeiros de grandes empresas multinacionais, realizada pela Business International, uma organização de pesquisas e de consultoria, fornece evidências da mistura de esperanças e ansiedades no estado de espírito empresarial norte-americana. A grande maioria dos 106 executivos financeiros entrevistados espera um crescimento moderado no decorrer do próximo ano nos principais países industrializados, mas expressam temores em relação à crise mundial da dívida.

Os executivos multinacionais estão mais confiantes em relação ao Japão; mais de 90% estão prevendo um crescimento real japonês de 2 a 6% em 1988. Mais de 60% estão prevendo que os Estados Unidos e a Alemanha Ocidental irão crescer de 2 a 4%. Mas quase 50% acham que a Inglaterra ficará estagnada ou crescerá menos de 2%.

A maioria disse que o dólar deverá continuar diminuindo de valor em relação ao ien japonês e ao marco alemão no próximo ano. No entanto; mais de 50% disseram que este declínio será de 10% ou menos. Somente uma quinta parte dos entrevistados acha que haverá uma queda de mais de 10% em relação a estas duas moedas.

Os executivos financeiros não estão satisfeitos com a forma como os bancos internacionais estão lidando com a crise da dívida mundial. Somente 7,5% deles acham que os bancos estão fazendo "um bom trabalho", ao passo que 92,5% consideram a performance como estando entre adequada e péssima. Consequentemente, a maioria dos principais executivos das empresas multinacionais acha que a crise da dívida deverá restringir suas operações e reduzir os lucros das suas subsidiárias nos países em desenvolvimento. Um deles alertou: "O problema número

um é como iremos operar nos países do Terceiro Mundo, que estão cada vez com menos divisas estrangeiras".

Eles estão preocupados com a possibilidade dos bancos tentarem reduzir os seus empréstimos aos países em desenvolvimento e, desta forma, exacerbar os perigos de incapacidades de pagamentos. É justamente este perigo que o secretário do Tesouro, James A. Baker III, está tentando evitar, incentivando os bancos a aumentarem os seus empréstimos aos países do Terceiro Mundo em 20 bilhões de dólares no decorrer dos próximos três anos.

Os principais bancos norte-americanos e europeus aparentemente estão dispostos a investir isto, mas a questão é saber se o montante de empréstimos que Baker está tentando conseguir será ou não apropriado. Muito irá depender do ritmo da expansão econômica mundial, e da disposição dos países industrializados em manterem os seus mercados abertos para as importações vindas do Terceiro Mundo.

Os principais executivos estão assumindo uma atitude altamente adversa aos riscos, quando encaram a situação no mundo inteiro. Eles dizem que querem investir em países "seguros" e rejeitam a sabedoria tradicional, segundo a qual é necessário assumir riscos maiores para conseguir retornos maiores.

## Brasil na lista

Quando convidados para colocar em ordem decrescente os países nos quais eles vêem as maiores oportunidades, eles mencionaram, em ordem de preferência: Japão, China, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Brasil, Itália, Inglaterra, Coreia do Sul, Canadá e França. Quando convidados a de-

clarar os países por grau de risco, eles mencionaram: Brasil, México, África do Sul, Argentina, Venezuela, Itália, Filipinas, Nigéria, Austrália e França.

Ou seja, apenas três dos países de alto risco — Brasil, Itália e França — foram incluídos também na lista dos países com as maiores oportunidades. Mais revelador ainda é o fato de que uma quarta parte dos entrevistados disse que eles reduziram ou desviaram-se de operações em mercados do Exterior por causa dos maiores riscos financeiros, ao passo que outros 20% disseram que estão com planos neste sentido.

Uma das principais diferenças entre o momento presente e 1929 pode ser que tanto a consciência de riscos como a vontade de evitar os riscos estão tão disseminadas entre os executivos de empresas e os investidores institucionais, tanto em Washington como em outras capitais dos principais países industrializados. As dificuldades de se lidar com a longa lista de problemas, que vão desde o déficit do orçamento norte-americano ao dólar supervalorizado, são sérias e não podem ser facilmente solucionadas. Mas os problemas são bem conhecidos, e um início já foi feito para encontrar uma solução. Existe um caso legitimado de esperança cautelosa.

No entanto, a esperança repousa numa crença de que uma liderança mais forte dos EUA irá se manifestar, e irá conquistar a cooperação dos demais países industriais, antes que ocorra uma crise de rompimento. No entanto, enquanto esta liderança não surgir, algum dinheiro prudente continuará, na medida em que a expansão continuar, fugindo dos países mais expostos.

Leonard Silk, do New York Times